

## OS MEUS VERDES ANOS, DE JOSÉ LINS DO REGO

### Résumé

*Meus verdes anos (1956) c'est un important ouvrage dans la littérature de mémoires brésilienne et il montre le considérable développement de ce genre parmi nous. Cet étude aborde quelques traces essentielles du livre pour suggérer son notable signification dans le parcours de notre littérature personnelle.*

**Palavras-chave:** Memorialismo, *Meus verdes anos*, José Lins do Rego

Nos anos 50, o memorialismo brasileiro toma impulso com várias obras de expressão. Depois de *Infância* na década anterior, o nome de Graciliano Ramos reaparece com *Memórias do cárcere*, obra de publicação póstuma. Também vale lembrar as memórias de Cyro dos Anjos, que têm o seu embrião em *Explorações no tempo*, publicado em 1952 na série "Os Cadernos de Cultura" do então Ministério da Educação e Saúde. O período, como se vê, começava promissor com tais obras.

É ainda preciso destacar que 1954 foi um ano de excelência para o gênero. Basta dizer que surgem *Um homem sem profissão*, de Oswald de Andrade, *História da minha infância*, de Gilberto Amado, e *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira. São, reconhecidamente, obras de elevado nível literário, cuja presença já nos faz imaginar uma continuidade de bom nível da nossa literatura de memórias, sobretudo se levarmos em conta o salto de qualidade já verificado na década anterior.

Outro forte sinal de que o memorialismo brasileiro adquiriria consistência estava na obra de José Lins do Rego, *Meus verdes anos*, cuja primeira edição é de 1956. Das últimas obras produzidas pelo autor, *Meus verdes anos* aparece como mais um exemplo da notória propensão em nossos bons romancistas de repetirem nas memórias a força de seus escritos ficcionais.

Com efeito, estamos diante de um considerável livro sobre o período da infância. José Lins do Rego vai ao encontro das mais distantes recordações,

chegando até onde seja possível chegar. No caso, lembranças ligadas à morte: da mãe, quando o menino ainda engatinhava; do primo Gilberto; da prima Lili. "Era a morte que me cercava" (Rego, 1957: 11). E assim acompanhamos sua trajetória desde essas cenas iniciais até o último capítulo, dedicado ao canário Marechal, verdadeiro tesouro para o autor e espécie de símbolo para indicar o encerramento daquela vida de criança: "Lá se fora ele com os cantos que enchiam de alegria as minhas madrugadas de asmático. Lá se perdia ele para sempre, assim como estes meus verdes anos que em vão procuro reter" (Rego, 1957: 351). São essas as frases que fecham o livro a tematizar a história do menino que, sob os cuidados de tias, cresce no engenho do avô materno no início do século, interior da Paraíba. Quanto ao teor autobiográfico, não seria preciso insistir nos traços comuns profundos entre esta obra e os romances do autor, especialmente os iniciais: "(...) e, de fato, a leitura de *Meus verdes anos*, história veraz da infância do escritor, logo nos faz reconhecer pontos nodais do romance de estréia, *Menino de Engenho*" (Bosi, 1978: 447).

O leitor passa a acompanhar a noção do mundo que o menino vai construindo. Esta se fundamenta primeiramente a partir dos espaços físicos. Assim, a mais remota lembrança está no quarto de morte da mãe; depois distinguem-se outras dependências da casa sempre povoada; a cozinha torna-se o local de ouvir a conversa das negras com suas crônicas a respeito da família; e, por fim, eleva-se o Engenho Corredor em toda sua amplitude: "Tudo nele era grande para mim" (Rego, 1957: 17); "A minha impressão firme era de que nada havia além dos limites do Corredor" (Rego, 1957: 56). Configurado o espaço, as situações mais específicas da região, notadamente as problemáticas como a seca, a fome, a febre, ajudam a definir a paisagem com a dramaticidade que comportam. "Desciam do sertão pela estrada levadas e levadas de pobres famintos. Pela primeira vez vi de perto a fome. Meninos nos ossos, mulheres desnudas e homens arrastando-se sem forças" (Rego, 1957: 80), diz sobre a seca de 1907. Também os demais aspectos de uma existência como aquela ganham o primeiro plano, seja no relato meio cômico das "libertinagens com as vacas" (Rego, 1957: 98), seja na dificuldade que

fora o aprendizado da leitura e da aritmética - “A certeza da minha burrice generalizara-se na família” (Rego, 1957: 214) -, seja ainda nos episódios voltados para o sexo com as meninas negras do engenho numa mescla de prazer e ansiedade: “E mais ainda as reclusões forçadas com as negrotas a me aguçarem desejos e concupiscências” (Rego, 1957: prefácio).

As memórias de José Lins do Rego dão conta, pois, das dimensões daquele universo rural que se apresentava à contemplação do menino; bem verdade que uma contemplação meio forçada pelas limitações que as crises de asma impunham. “Tinha vontade de correr os campos como os de minha idade. E se saía dos limites impostos, acontecia o ataque de ‘puxado’ e teria que sofrer as agonias de um afogado”, diz o autor no prefácio de *Meus verdes anos*. Saúde fraca, ausência da mãe e do pai, que não era bem visto pelos familiares maternos, sentimento de rejeição, além de outras tantas dificuldades, marcam uma trajetória por certo espinhenta, que chega a lembrar, por exemplo, as asperezas avantajadas de *Infância*, de Graciliano Ramos, obra em inúmeros pontos aparentada a *Meus verdes anos*. Talvez a principal semelhança esteja num modo de narrar as situações mais aberrantes dando-lhes um tratamento de aparente normalidade. Veja-se o caso seguinte:

*A Tia Naninha criava uma menina chamada Virgínia. Devia ser uma subnormal porque não parecia pessoa como as outras. Desde a manhã com a vassoura na mão, começava a receber as bárbaras lições da Tia Naninha. A menina Virgínia não temia as pancadas. Ficava indiferente aos gritos da minha tia e, quando as lapadas do espanador cobriam-lhe o corpo, só fazia chorar fino, mas chorar como animal, passiva, sem uma chama de revolta. Os gritos da Tia Naninha escutavam-se do outro lado da rua, enchendo a vila de violência. E tanto batia na pobre Virgínia que eu ouvi o marido dizendo-lhe:*

*- Naninha, vieram me falar. É que o juiz quer tomar providências sobre esta órfã Virgínia.*

*Lembro-me da cara de fúria da minha tia. Todas as vontades de senhora de escravo lhe estouraram na voz:*

*- Este doutor Samuel não tem vergonha. Vou mandar dizer a papai.*

*Mais tarde vi a Tia Naninha de olhos vermelhos de chorar. Virgínia parecia uma preguiça. Ela tinha os olhos rasos, a cara redonda, os gestos lentos, a voz mais um gemido do que voz. Quando parava o serviço, ficava sentada nos degraus do fundo da casa. Sempre em cismas, sempre calada, indiferente ao mundo que a cercava.*

*O marido quis tomar uma resolução para evitar aqueles murmúrios da vila. Mas não foi possível. Virgínia não tinha pai e nem mãe. Era sozinha. Tinha mesmo que agüentar os castigos. (Rego, 1957: 290-291)*

Discorrendo sobre as agruras de Virgínia, o autor acaba por falar de si mesmo, desprotegido que se sentia também pela falta de pai e mãe.

O quadro retrata uma violência semelhante a tantas que vemos no livro de Graciliano Ramos. Mas o que aproxima de fato as duas obras é um tom narrativo desejoso de passar-se, em princípio, por mera constatação de uma realidade qualquer. “Tinha mesmo que agüentar os castigos” é uma frase que, descontextualizada, parece sancionar os castigos brutais sofridos pela órfã. Não se trata disso, obviamente. A descrição certa, a atenção ao detalhe denunciador, as comparações e os adjetivos empregados revelam a crueza daquelas relações. Estamos, pois, em presença de uma visão nada cúmplice com respeito à situação acima enfocada.

A força desse pensamento crítico que avulta em escritores como José Lins do Rego e Graciliano Ramos reside precisamente nessa capacidade de indicar o despropósito em toda sua extensão como se não o estivessem fazendo. Em *Infância* há um episódio em que o menino apanha violentamente da mãe com uma corda nodosa, fica em estado lastimável e culpa o nó da corda pelos ferimentos que lhe cobriram as costelas.

O resultado de obras assim para o memorialismo brasileiro se dá sobretudo em termos de elevação literária.

BOSI, Alfredo - *História concisa da literatura brasileira*. 2a. ed. São Paulo, Cultrix, 1978.

REGO, José Lins do - *Meus verdes anos*. 2a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.